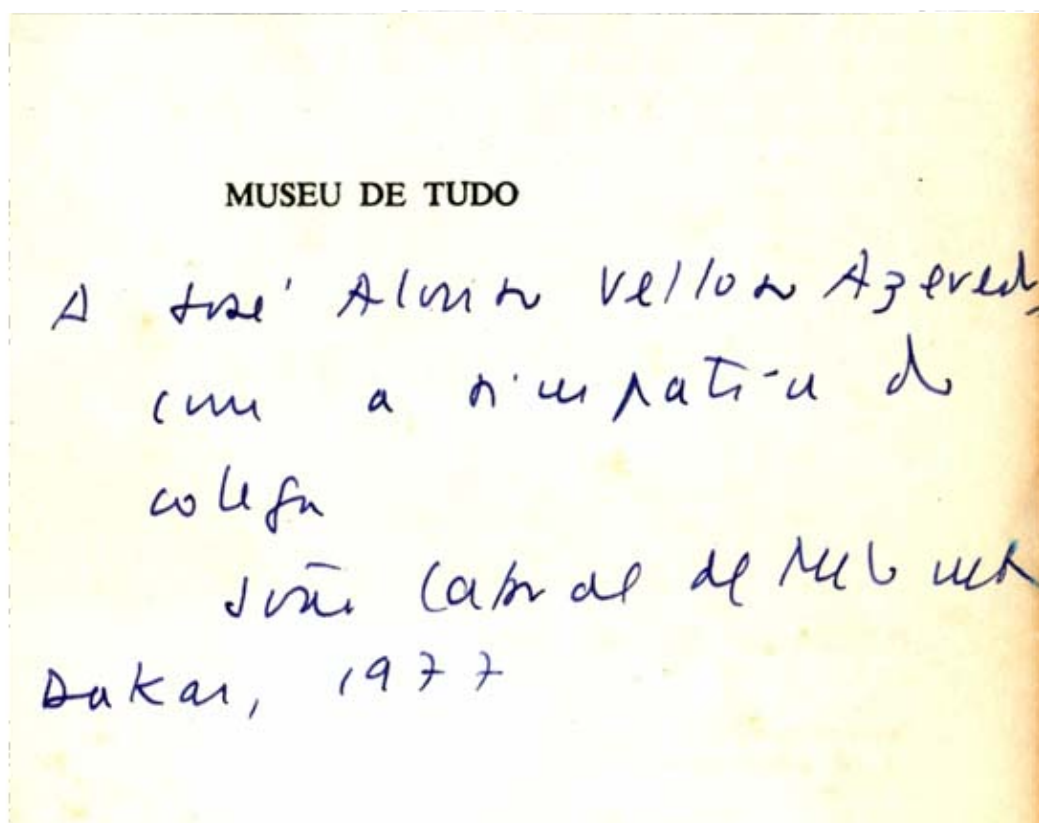


uma bela cena, um desapontamento e
uma inesperada alegria



O avião pousa em Dakar por volta das quatro da manhã. O carro da embaixada já me aguarda no aeroporto. Levo comigo as malas diplomáticas, com correspondência, documentos oficiais e os novos códigos para o telex. Na bagagem pessoal, o necessário para três dias. E um artigo de luxo: *Museu de Tudo*, de João Cabral de Melo Netto, para ser autografado, é claro.

Noite fechada, estrada deserta, paisagem cabralina. Durante o trajeto até o hotel, entre uma palavra e outra com o motorista, vou imaginando quando e como será meu encontro com o embaixador. E me pergunto: quem me irá receber? O chefe do posto ou o poeta? Quando entro em seu gabinete, lá está, abancado à pesada mesa de trabalho, o chefe do posto. Mas no homem que se levanta, me olha nos olhos e me estende um bom aperto de mão, está o colega. Melhor ainda, está o poeta. Direto, me faz sentar. Diz que está acabando de rever um ofício para a Secretaria de Estado, coisa rápida. Que demore o quanto quiser, penso eu. Para mim, uma bela cena. Presente dos Céus poder observar João Cabral bem de perto, concentrado, lapidando algo que escreveu.

Pronto. Podemos conversar. Assuntos de trabalho, Itamaraty, algumas curiosidades. Tudo na justa medida. Por isso, não esbanjo perguntas. Selecciono as que me despertam maior interesse: sobre seu amigo, o presidente Léopold Senghor, também poeta. Sobre Dakar e outras cidades onde viveu. E sobre o ofício da poesia que, no momento certo, me permite tirar da pasta meu *Museu de Tudo* com o pedido de autógrafo. O gesto parece surpreendê-lo. Folheando o livro, me pergunta se gosto de algum poema em especial. *O sol no Senegal* e *A luz em Joaquim Cardoso*, respondo. Quer saber por que este último. Conto da minha admiração pelo engenheiro-poeta pernambucano. Fui apresentado a ele por meu pai, Orlando Azevedo, que era seu amigo e o visitava com alguma frequência no Rio de Janeiro.

Com orgulho, explico que papai foi um dos quatro engenheiros-arquitetos que projetaram o estádio do Maracanã.

O poeta gosta do que ouve, fala de seu confrade Joaquim com especial afeto. Destampa a caneta-tinteiro para autografar o livro e pergunta meu nome completo. O nome completo? Acho estranho, mas limito-me a responder: Francisco José Alonso Vellozo Azevedo. Enquanto escreve, diz brincando que consigo ter nome mais comprido que o dele.

Quando leio a dedicatória, vem o desapontamento: João Cabral de Melo Netto simplesmente engoliu meu primeiro nome. Esforço-me para parecer natural. Não sei se peço a ele que corrija o engano ou se esqueço. Em segundos, peso prós e contras. Prefiro deixar como está – apontar o erro será indelicado e a emenda poderá sair pior que o soneto. Ainda conversamos sobre algumas amenidades e nos despedimos com abraço bem dosado. Volto para o hotel me martelando: Como um poeta tão preciso, pôde ser assim comigo desatento? Será que não me ouviu direito? Como mostrar a dedicatória aos amigos? José Alonso Vellozo Azevedo não sou eu!

Outubro de 1999. 22 anos depois, uma visita noturna e a inesperada alegria: o poeta morto vem e me sopra que o me passar a faca não foi desatenção nem engano. Foi intento. Enxugando meu nome de batismo, a “Francisco”, que significa “livre”, deu asas. E a “José”, que significa “crescimento”, deu evidência.

Com o corte cirúrgico, fico mais parecido comigo,
reconheço. Incompleto e ainda arrastando sobrenomes,
sou eu, sem tirar nem por.